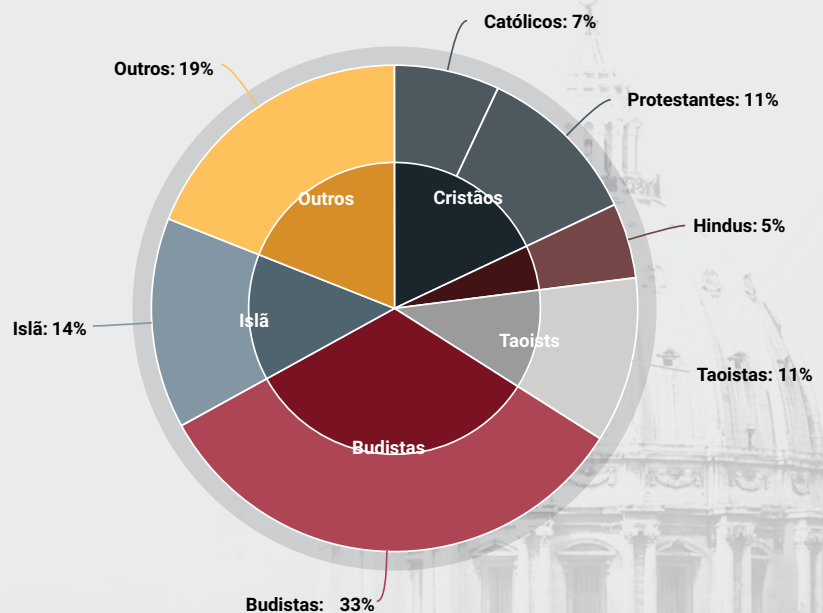
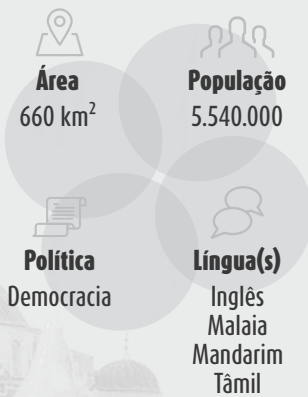


Singapura



Em 23 de março de 2015, as autoridades de Singapura anunciaram a morte de Lee Kuan Yew e declararam um período de luto de sete dias na cidade-estado, em honra da memória e das realizações do homem que foi primeiro-ministro de Singapura (1959-1990).^[1] Foi uma medida excepcional, que refletiu a estatura do homem que ficará para a história como o fundador e mestre incontestado de uma história única de sucesso econômico e de um modelo social único.

O Padre Joseph de Dinechin, um jovem missionário francês em Singapura, afirmou: “Lee Kuan Yew conseguiu (...) criar um país que é um modelo de coexistência entre religiões e de genuína liberdade religiosa. Depois dos motins raciais de 1969, a harmonia racial e religiosa foi o fio condutor da sua política para construir a nação.”^[2]

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

[1] Straits Times: “Mr Lee Kuan Yew, Singapore’s first prime minister, dies aged 91”, 23 de Março de 2015 (<http://www.straitstimes.com/singapore/mr-lee-kuan-yew-singapores-first-prime-minister-dies-aged-91>)

[2] Agência Fides: “Témoignage d’un missionnaire sur la figure de Lee Kwan Yew”, 24 de Março de 2015 (<http://www.news.va/fr/news/asiesingapour-temoignage-dun-missionnaire-sur-la-f>)

Ao falar sobre liberdade religiosa em Singapura, o Padre Dinechin, membro da Missions Etrangères de Paris (MEP) [Missões Estrangeiras de Paris], disse: “Embora Lee Kuan Yew não pertencesse oficialmente a nenhuma religião, ele era um pragmático que compreendia que a aspiração religiosa faz parte integrante do ser humano e que a religião representa um contributo positivo para a sociedade. Por isso, as várias religiões tiveram total liberdade para se desenvolverem, desde que não se opusessem ao bem comum da sociedade.” Este mesmo conceito de harmonia interreligiosa e interracial foram aplicados na política de habitação social, exemplificada pela criação do Conselho de Habitação e Desenvolvimento (HDB),^[3] um enorme programa de habitação social financiado pelo Estado concebido para incentivar a integração social e religiosa. O Padre Dinechin explicou: “Cristãos, muçulmanos, hindus, taoístas e budistas coexistem em genuína amizade. Em Singapura, o Governo é um participante ativo no diálogo interreligioso, que incentiva e coordena.”

Localizada no coração de uma região principalmente malaia e de maioria muçulmana, a cidade-estado de Singapura apenas seria viável se criasse a sua própria identidade nacional. Esta era, pelo menos, a visão dos fundadores de Singapura, nomeadamente o próprio Lee Kuan Yew. O primeiro-ministro queria criar um futuro que não fosse ocidental mas sim asiático. Colocando a sua fé inicialmente no Confucionismo tradicional, a sua perspectiva era que todas as religiões devem estar ao serviço de um bem comum, definido em termos de desenvolvimento econômico e aumento das condições de vida.

[3] <http://www.hdb.gov.sg/cs/infoweb/homepage> (acessado em Abril de 2016)

Durante a década de oitenta, a perspectiva política que tinha origem nesta forma de pensar entrou em confronto com o nascimento de uma sociedade civil emergente. Mas o Governo de então respondeu com repressão, introduzindo a Lei da Manutenção da Harmonia Religiosa (março de 1992). O objetivo desta lei era permitir que o Governo restringisse a liberdade de expressão dos líderes religiosos e dos crentes, em especial no que diz respeito a críticas feitas às autoridades. Assumidamente, durante o decorrer da década de noventa, com o desenvolvimento de uma classe média educada, a nova geração de líderes do Governo começou a reconhecer a necessidade do sistema mostrar um pouco mais de flexibilidade. Apesar disso, ainda não era permitido que a sociedade civil se desenvolvesse de forma independente. A expressão “sociedade civil” foi introduzida por volta desta altura e implicava um sentido de identidade nacional e cultural para indicar o tipo de tecido social que o Governo estava tentando criar em Singapura.

Durante o último meio século de extraordinário desenvolvimento econômico, a população de Singapura não permaneceu tão passiva quanto a falta de debate sobre o futuro da cidade-estado poderão sugerir. De acordo com o gabinete estatal de estatísticas,^[4] o equilíbrio entre as “raças”, para usar a terminologia utilizada localmente, foi considerado como mais ou menos fixo: os chineses representavam pouco mais de 75% da população, os malaios um pouco menos de 15%, os indianos pouco mais de 8% e a categoria “outros” incluía os restantes 2%. A adesão religiosa foi assumida como correspondendo à identidade étnica: assim, os chineses eram assumidos como budistas ou taoístas, os malaios como muçulmanos, os indianos como hindus e os “outros” como cristãos.

Contudo, os números reais da adesão religiosa mostram que a estabilidade tão desejada pelas autoridades não existe. Em 1950, 2% dos singapurenses eram cristãos, conjugando católicos e protestantes, mas hoje em dia os cristãos constituem cerca de 18% (7% católicos e 11% protestantes). No seu trabalho de 2009, *Démocratie, modernité et christianisme en Asie*, o Padre Guillaume Arotçarena MEP demonstrou que os que podem ser considerados como pertencendo à classe média-alta se “transferiram” para o Cristianismo, uma religião que é vista como moderna.^[5] Paralelamente, ganhou igualmente terreno um agnosticismo de tipo ocidental e um Budismo reformado, porque, enquanto classe média em ascensão, têm capacidade para integrar práticas e valores considerados como ocidentais.

Neste contexto, muitos singapurenses discordam dos esforços das autoridades para controlar a sociedade civil. A Lei da Manutenção da Harmonia Religiosa reprime por isso as iniciativas consideradas como suscetíveis de criar discórdia religiosa, uma preocupação louvável numa sociedade

[4] <http://www.singstat.gov.sg>

[5] *Eglises d'Asie: “Les évolutions du paysage religieux face à la modernité”*, 1 de Março de 2008 (<http://eglisie.mepasie.org/asia-du-sud-est/singapour/2008-03-01-supplement-eda-2-2008-les-evolutions-du-paysage-religieux-face-a-la-modernite>)

profundamente multicultural e multirreligiosa.^[6] Contudo, a dificuldade surge quando as autoridades tentam usar esta lei para abafar toda a expressão política que consideram desviante.

INCIDENTES

Uma ilustração desta situação é o caso do bloguer de 16 anos, Amos Yee, que, na Primavera de 2015, foi considerado culpado de “ofender os sentimentos religiosos” dos singapurenses,^[7] ou mais precisamente dos cristãos de Singapura. Foi condenado a cinquenta e três dias de prisão.^[8] O seu crime foi que, em 27 de março de 2015, quatro dias após a morte de Lee Kuan Yew, Amos Yee colocou um vídeo caseiro de oito minutos no YouTube,^[9] com o título “Lee Kuan Yew está finalmente morto!” No vídeo, Yee faz um discurso em inglês em que ataca o antigo patriarca de Singapura e denuncia o autoritarismo e o ataque às liberdades que, na sua perspectiva, caracterizam esta cidade-estado. O estudante do secundário denuncia um sistema em que “dinheiro e estatuto significam felicidade” e que, apesar de ser “um dos países mais ricos” do mundo, é também “um dos mais deprimidos”. Com verdadeira paixão e uma linguagem por vezes crua, Amos Yee denuncia Lee Kuan Yew como “uma pessoa horrível” e desafia o seu filho, o atual primeiro-ministro Lee Hsien Loong, a levá-lo a tribunal. O vídeo é assim, em geral, uma crítica aos métodos de governo que prevalecem em Singapura e o ataque ao Cristianismo parece ser mais ou menos um acaso. Educado na fé católica mas agora ateu, Amos Yee diz as seguintes palavras: “Vou comparar (Lee Kuan Yew) a alguém que ainda não foi referido até agora: Jesus.” Ao descrever ambos como “sedentos de poder e maliciosos”, alega que “desiludem os outros ao fingir que são gentis e cheios de compaixão.”

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Os líderes das comunidades religiosas não fizeram qualquer comentário sobre o episódio, mas circularam na Internet várias petições de cristãos singapurenses afirmando que não se tinham sentido “ofendidos” por Amos Yee e dizendo que o

[6] Channel NewsAsia: “Singapore’s religious harmony a legacy to be treasured: PM Lee”, 12 de Maio de 2015 (<http://www.channelnewsasia.com/news/singapore/singapore-s-religious/1842076.html>)

[7] Channel NewsAsia: “Blogger Amos Yee pleads not guilty to both charges”, 7 de Maio de 2015 (<http://www.channelnewsasia.com/news/singapore/blogger-amos-yee-pleads/1830694.html>)

[8] New York Times: “Singapore Frees Amos Yee, 16, Blogger Who Criticized Lee Kuan Yew”, 6 de Julho de 2015 (http://www.nytimes.com/2015/07/07/world/asia/singapore-amos-yee-lee-kuan-yew.html?_r=0)

[9] YouTube: “Amos Yee - Lee Kuan Yew Is Finally Dead!”, 27 de Março de 2015 (<https://www.youtube.com/watch?v=6TZPdM3xn24>)

perdoavam.^[10] Outros críticos locais alegaram que todo o episódio parecia quase uma caricatura, o que os singapurenses chamam de “estado paternalista”,^[11] um estado no qual nada é proibido, embora seja necessária autorização para tudo, e onde o Estado está sempre olhando por cima do nosso ombro para ver se fazemos alguma asneira.

[10] Singapore Christian: “Why I, As a Christian, Am at Peace and Not Offended By People Like Amos Yee”, 5 de Novembro de 2015 (<http://singaporechristian.com/2015/05/11/why-i-as-a-christian-am-not-offended-by-people-like-amos-yee/>) (acessado em Abril de 2016)

[11] Global Post: “Singapore’s new generation wants a kinder, chillier country”, 12 de Agosto de 2015 (<http://www.globalpost.com/article/6628985/2015/08/10/after-50-years-singapore-finally-seems-ready-outgrow-nanny-state>)